CAPÍTULO 3

O Modelo Eclesial Bonhoefferiano e o Metodismo Carioca

Os aspectos que direcionam esta parte da pesquisa são os elementos constitutivos do modelo eclesial, recolhidos no pensamento de Dietrich Bonhoeffer, considerados adequados para a leitura das necessidades e desafios pastorais do contexto contemporâneo. Esse modelo, tipificado no segundo capítulo como koinônico, cristocêntrico e diaconal, é o referencial teórico para a abordagem pastoral do metodismo carioca pretendida nesta pesquisa.

A Igreja Metodista na cidade do Rio de Janeiro é uma representação no cenário religioso brasileiro em que a “ortodoxia wesleyana” se encontra com a forma eclesial de renovação, representada pelo movimento carismático. Esse encontro evidencia uma tensão refletida, conforme a análise do primeiro capítulo desta pesquisa, nos aspectos teológico e litúrgico das igrejas verificadas.

Foram constatadas, no primeiro capítulo, a partir de releituras teológicas contemporâneas, elementos na eclesiologia wesleyana que atendem aos apelos reivindicatórios por uma Igreja renovada, mais humana e engajada na realidade latino-americana e brasileira. A eclesiologia wesleyana, fundamentalmente de comunhão, diaconal e missionária, fixa pontos de associação com o modelo eclesial encontrado no pensamento de Dietrich Bonhoeffer no segundo capítulo. Esses são os traços eclesiais da “ortodoxia wesleyana” contrastados com a realidade eclesial carismática nas igrejas metodistas cariocas.

A realidade eclesial carismática no metodismo carioca, verificada na pesquisa junto às igrejas na cidade do Rio de Janeiro, demonstra uma considerável influência do neopentecostalismo que torna viável a captação de alguns traços da cultura contemporânea, tais como o individualismo e o hedonismo. Por outro lado, a eclesialidade carismática sinaliza uma tentativa de adequação à matriz religiosa brasileira negada pelo protestantismo histórico. Tal conjuntura de influências configura um modelo eclesial em construção, que em alguns aspectos apresenta disparidades em relação à eclesiologia wesleyana.

As duas realidades eclesiais presentes no metodismo carioca serão analisadas sob a orientação dos aspectos koinônico, cristocêntrico e diaconal do modelo bonhoefferiano. Os aspectos apontarão, no final desta etapa da pesquisa, para perspectivas eclesiais sobre a Igreja Metodista na cidade do Rio de Janeiro.

1. O Modelo Eclesial Bonhoefferiano e a “Ortodoxia Wesleyana”

O modelo eclesial wesleyano traz como exclusivo o aspecto missionário associado à proclamação do Evangelho e ao projeto de expansão nos níveis local, nacional e mundial. A dimensão missionária do modelo eclesial wesleyano, inicialmente plasmada histórica e teologicamente pelo paradigma pietista¹, é o ponto chave que determina a dinâmica das igrejas da tradição metodista.

Essa dimensão se faz notar na tônica do principal documento da Igreja Metodista no Brasil, o “Plano para a Vida e Missão”², bem como na eclesialidade da ortodoxia, expressa na política de expansão missionária do “Planejamento Estratégico” da Primeira Região Eclesiástica a ser adotada pelas igrejas metodistas cariocas. As igrejas cariocas são responsáveis pelas seguintes ações:

- Incentivar a evangelização integral, desenvolvendo a paixão evangelizadora, como testemunha viva e prática, sinalizando a presença do Deus vivo no mundo, e proclamando a salvação em Cristo Jesus a toda criatura. - Ajudar a todos os cristãos metodistas a descobrirem seus dons espirituais e exercita-los na missão, com vistas ao crescimento na experiência com Deus e no serviço ao povo. Tornando-nos efetivamente uma Igreja de Dons e Ministérios. – Afirmar uma identidade baseada na gratuidade da graça de Deus e na vida de santidade. - Ser companheiros na missão da Igreja Metodista no Brasil e no mundo³.

A exclusividade do modelo bonhoefferiano reside na centralidade e motivação cristológicas determinantes para as relações koinônicas e ações diaconais. Essa exclusividade cristológica de Bonhoeffer não é ressaltada no modelo eclesial wesleyano, o que não significa ser um tema ausente na teologia wesleyana. A cristologia, como a eclesiologia, é desenvolvida na tradição wesleyana em termos soteriológicos. O traço distintivo com a concepção eclesiológica bonhoefferiana reside basicamente na ênfase Reformada da justificação, ou seja, na obra redentora e salvífica de Cristo mediante a adesão (conversão) do indivíduo pela fé⁴. Neste sentido a pessoa de Cristo é enfatizada no pensamento wesleyano: como a motivação para o anúncio e não como a “formatação” eclesial.

¹ Cf.: KLAIBER, Walter; MARQUARDT, Manfred. *Viver a Graça de Deus: Um Compêndio de Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo, 1999. P. 371-374.

² Segundo o referido documento: “Missão é a construção do Reino de Deus, sob o poder do Espírito Santo, pela ação da comunidade cristã e de pessoas, visando ao surgimento da nova vida, trazida por Jesus Cristo, para a renovação do ser humano e da estruturas sociais, marcados pelos sinais de morte”. Cf.: *Plano para a Vida e Missão*. In: IGREJA METODISTA. *Cânones 2007*. São Paulo: Cedro. 2007. P. 89.

³ *Planejamento Estratégico*. P.38-37

⁴ MACHADO, Tércio. *Justicia y Justificación*. BONINO, José Miguéz. *Justificación, Santificación y Plenitud*. In: *La tradición Protestante*. Cf.: STROHL, Henri. *O Pensamento da Reforma*. São Paulo: ASTE, 2004. P. 85-117

Os pontos de convergência entre os modelos eclesiais da ortodoxia wesleyana e bonhoefferiano são a koinonia e a diaconia, visto o aspecto do cristocentrismo não integrar direta e essencialmente a eclesiologia metodista.

1.1. Relação Koinônica

Tanto em Wesley como em Bonhoeffer, a *communio sanctorum* é meio de graça. No modelo eclesial wesleyano o outro é fundamental para a preservação da salvação, pois esta depende da adesão individual; já no modelo eclesial bonhoefferiano a comunhão com o próximo é o meio de salvação.

Para ambos, o sentido da eclesiologia é o povo e não a hierarquia. Nos dois modelos o princípio reformado do sacerdócio universal dos crentes é fundamental e fundante. Portanto, a organização eclesial será estabelecida de acordo com as contingências, desafios e estratégias pastorais seguindo critérios democráticos.

Essa linha fundamental se mostra evidente, na realidade eclesial ortodoxa nas igrejas cariocas, pelo que preconiza o “Plano para Vida e Missão”:

O Metodismo afirma que a Igreja, antes de ser organização, instituição ou grupo social, é um corpo, um organismo vivo, uma comunidade de Cristo (Ef 1.22-23; 1Co 12. 27). Sua vivência deve ser expressa como uma comunidade de fé, adoração, crescimento, testemunho, amor, apoio e serviço (At 2.42-47; Rm 12.9-21). Nessa comunidade, metodistas são despertados, alimentados, crescem, compartilham, vivem juntos, expressam sua vivência e fé, edificam o Corpo de Cristo, são equipados para o serviço e o expressam junto das pessoas e das comunidades (1Co 12.16-26; 2Co 9.12-14; Ef 4.11-16)⁵.

A importância koinônica, segundo a ortodoxia wesleyana, é considerada diante do propósito e da dimensão eclesial missionários:

A Igreja participa da Missão de Deus educando-se a partir: da vida prática, aprendendo na experiência uns com os outros, corrigindo-se e descobrindo a ação de Deus na vida de cada dia; do compartilhamento com outras pessoas e grupos que preservam e valorizam a vida; da palavra de Deus, buscando em conjunto, no confronto com os acontecimentos, alternativas que renovam a vida; da Doutrina da Igreja, particularmente da herança metodista, descobrindo o valor histórico e atualizado de suas expressões para a nossa situação⁶.

A alternativa para a concretização da vivência koinônica, nas igrejas da cidade do Rio de Janeiro, é a estruturação do discipulado em grupos pequenos inspirados nas sociedades, classes e *bands* do metodismo inglês. O “Planejamento Estratégico”

⁵ *Plano Para a Vida e Missão*. P. 79.

⁶ *Plano para a Vida e Missão*. P. 86.

estabelece a meta a ser atingida, por cada igreja local na Primeira Região até 2014, de um determinado número de grupos pequenos⁷.

Uma vez organizados com vistas ao desenvolvimento de relações koinônicas, os grupos pequenos contribuiriam para a construção de um modelo eclesial em que a comunidade de fé seria a reguladora e sustentadora do serviço, da liturgia e da evangelização; um sinal soteriológico no mundo; uma sociedade contrastante; uma experiência democrática; e, finalmente, uma experiência inclusiva⁸.

Entretanto, a proposta dos grupos na cidade do Rio de Janeiro, de acordo com o “Planejamento Estratégico”, corresponde ao objetivo do crescimento numérico. “Cada distrito, a partir do número de grupos pequenos existente atualmente, receberá o desafio da criação de um determinado número de novos grupos pequenos, nos bairros aonde a Igreja Metodista ainda não se faz presente ou precisa ser revitalizada através do discipulado”⁹.

Estrategicamente o discipulado busca seguir uma metodologia vertical, denominado como discipulado de liderança:

O discipulado de liderança é estratégico porque é uma prática contínua do processo de discipulado, em que o Bispo ministra estudos aos/às Superintendentes Distritais, estes/as aos/às Pastores/as, estes/as às lideranças da igreja local, e estas aos segmentos locais que representam os ministérios e sociedades, de modo que as ênfases das pelo Bispo alcancem toda a Igreja. Recordando que esta foi a estratégia de Jesus com os doze e com os setenta, e também foi a ênfase de Wesley com seus pregadores leigos¹⁰.

Como foi observado no primeiro capítulo, a eficiência e eficácia do discipulado em pequenos grupos dependem da ação episcopal e pastoral. Na metodologia adotada a figura do clérigo é fortalecida, demonstrando um distanciamento gradativo do aspecto democrático preconizado através da koinonia no modelo eclesial bonhoefferiano.

A opção por tal modelo de discipulado indica um deslocamento gradativo do propósito wesleyano tradicional. Se através das sociedades, classes e *bands* o indivíduo recebia o apoio para sua sustentação na fé, o atual modelo enfatiza os grupos pequenos como mecanismos para a sensibilização e adesão dos indivíduos à fé. A ênfase deixa de assentar sobre a koinonia, para assentar-se no propósito proselitista e catequético.

⁷ *Planejamento Estratégico*. P. 11.

⁸ Cf.: GUERREIRA, *Teologia Pastoral*. P. 131-134.

⁹ *Planejamento Estratégico*. P. 33. Segundo o Planejamento Estratégico, caberá às igrejas da cidade do Rio de Janeiro reunir 1335 grupos pequenos até 2014.

¹⁰ *Planejamento Estratégico*. P. 37.

1.2. Experiência Diaconal

A diaconia disposta no modelo bonhoefferiano como representação vicária de Cristo, é distinta do modelo tradicional wesleyano na motivação para sua atuação. O serviço *ad intra* e *ad extra* é concretizado em perspectiva wesleyana como expressão da santidade e resultado da busca pela perfeição cristã. O sentido do serviço no modelo wesleyano é atrelado à piedade que resulta em obras de misericórdia. Em outros termos, a devoção a Deus redundava, invariavelmente, no serviço ao próximo.

Contudo, o “Plano para Vida e Missão” define a ação social da Igreja Metodista nos seguintes termos:

A ação social da Igreja, como parte da Missão, é nossa expressão humana do amor de Deus. É o esforço da Igreja para que na terra seja feita a vontade do Pai. Isso acontece quando, sob a ação do Espírito Santo, nos envolvemos em alternativas de amor e justiça que renovam a vida e vencem o pecado e a morte, conforme a própria experiência e vida de Jesus¹¹.

A definição diaconal da Igreja Metodista no Brasil, conforme o “Plano para a Vida e Missão”, além de ultrapassar uma concepção meramente assistencialista do serviço da Igreja no mundo, se aproxima da inspiração cristológica diaconal do modelo eclesial bonhoefferiano.

A mesma inspiração é notada na política para a ação social, registrado no “Planejamento Estratégico” da Primeira Região Eclesiástica:

Promover a conscientização da cidadania; promover a questão da saúde integral em relação ao corpo, à mente e ao espírito e na proteção do ser humano e do meio ambiente; estreitar o relacionamento da Igreja com organizações governamentais e não governamentais, visando os objetivos da Igreja na questão social; denunciar todas as ações que agridam a vida e os direitos humanos¹².

O tema da missão e evangelização na “ortodoxia wesleyana”, uma vez relido sob a ótica latino-americana, identifica o compromisso com o povo oprimido, a encarnação do amor na realidade humana e a inclusão de todo gênero humano na dinâmica da graça concretizando o propósito de libertação¹³.

Dessa maneira, a essência missionária diaconal da Igreja Metodista no Brasil orienta o metodismo carioca para que sirva a sociedade: exercendo a justiça e o amor como sinais da vinda do Reino de Deus; praticando os princípios manifestados no

¹¹ *Plano para a Vida e Missão*. P. 89.

¹² *Planejamento Estratégico*. P. 40-41.

¹³ JOSGRILBERG Rui. *Opção e evangelização na teologia metodista*. In: et al. *Luta pela Vida e Evangelização*. P. 264-269.

Credo Social da Igreja Metodista¹⁴; conhecendo a Igreja, descobrindo suas possibilidades e dons, valorizando seus ministérios para alcançar a participação total do povo na missão de Deus¹⁵; conhecendo a realidade dos contextos em que a Igreja estiver inserida.

O diaconato na ortodoxia wesleyana pode ser exercido em parceria e mútuo apoio às iniciativas de preservação da vida humana; na denúncia da opressão; no zelo pela ética cristã como princípio de sua ação social. É compreendida como parte da missão da Igreja estimular a cidadania responsável, gerar a consciência para a promoção da dignidade do negro, do índio, da mulher, do idoso, do menor, dos deficientes, dos aposentados e outros¹⁶.

Tal leque de possibilidades de ação corrobora com a realidade e desafios pastorais latino-americanos e brasileiros. Nesse sentido a Igreja Metodista retoma sua verve diaconal da tradição inglesa, contextualizando sua ação mantendo a sua opção pelos pobres. Fazer essa opção equivale assumir o seguimento de Cristo até à entrega vicária como sinal do amor ao mundo.

A respeito do significado e importância da diaconia para uma experiência eclesial wesleyana contextualizada à realidade brasileira, Cláudio Ribeiro comenta:

A partir da teologia de Wesley, e de outros referenciais importantes para o contexto brasileiro, temos refletido sobre o sentido diakonal da vida cristã. A diakonia, como dimensão eclesial, permite uma síntese da vivência de fé comprometida com os desafios da realidade social e política com aquela de maior apelo devocional e religioso. Ela ajuda os grupos a olharem para fora de si mesmos e não se conformarem com a realidade (Cf. Romanos 12.1-2). Além disso, como são grandes os desafios, a dimensão ecumênica é reforçada e abrem-se novos canais para a unidade da Igreja.¹⁷

Em termos bonhoefferianos, a ação social, segundo a ‘ortodoxia wesleyana’, é exercida através do “olhar a partir de baixo”, organizando-se para o “agir responsável”, assumindo a representação vicária de Cristo, “estando-aí-para-os-outros”. Este é o ponto em que Bonhoeffer mais se aproxima da tradição wesleyana.

¹⁴ O Credo Social da Igreja Metodista contém a doutrina social da referida denominação. Objeto da decisão do X Concílio Geral, sua fonte inspiradora é a tradição wesleyana e o movimento do Evangelho Social norte-americano. Cf.: *Credo Social*. In: IGREJA METODISTA. *Cânones 2007*. P. 49-60.

¹⁵ *Plano para a Vida e Missão*. P.102.

¹⁶ *Plano para a Vida e Missão*. P. 91-92

¹⁷ RIBEIRO, Cláudio. Por uma eclesiologia metodista brasileira. *Caminhando*, Ano IX, nº 13 – 1º Semestre de 2004. Apud: VVAA. *Sermões de Wesley: Texto inglês com duas traduções em português*. São Bernardo do Campo, SP: EDITEO, 2006. CD-Rom, p.57

2. O Modelo Eclesial Bonhoefferiano e a Realidade Eclesial Carismática

A análise sobre a realidade carismática no metodismo carioca, influenciado pelo neopentecostalismo, indica uma configuração eclesial em construção com ideário eclesiológico e projeto pastoral definidos.

Conforme o que foi levantado no primeiro capítulo, essa configuração eclesial em construção corresponde inicialmente à lógica neoliberal instalada no “mercado religioso”. Esse fator vem gerando uma verdadeira concorrência com vistas à expansão numérica nos diversos segmentos evangélicos frente ao crescimento do neopentecostalismo.

À incorporação no “mercado religioso” soma-se a reação à matriz religiosa negada pelo protestantismo de missão e, conseqüentemente, também pelo metodismo. Na configuração eclesial em construção, evidente no movimento carismático metodista carioca, os elementos da religiosidade matricial brasileira são acolhidos e correspondidos. Essa situação redundando em pelo menos quatro conseqüências para o metodismo:

- a) O fechamento para o diálogo com as tradições eclesiais de alcance massivo, particularmente a Igreja Católica Romana motivado pelo receio da concorrência eclesiástica. Esse fechamento talvez prenuncie o encaminhamento de um processo que conduza ao “triumfalismo eclesial”, típico do modelo congregacional;
- b) O empenho pela expansão numérica através da adoção de estratégias e métodos provenientes de outras denominações evangélicas, como “crescimento de igrejas”, grupos de discipulado, Igreja com Propósitos;
- c) O diálogo com a religiosidade matricial, implicando na relativização da identidade wesleyana, sobretudo nos aspectos litúrgicos; e
- d) A relativização da identidade wesleyana no aspecto teológico com a assunção da teologia da prosperidade e da batalha espiritual.

Essa configuração eclesial apresenta algumas idéias eclesiológicas que se assemelham ao ideário do modelo eclesial tradicional¹⁸. Há uma tendência nessa configuração de se compor uma imagem eclesial que guarde consigo os meios para o alcance dos seus fins, ou seja, que se constitua como imagem da organização (sociedade) perfeita.

¹⁸ GUERREIRA. *Teología Pastoral*. P. 127-130.

Semelhante ao modelo tradicional, a configuração eclesial em questão avança com um projeto pastoral de expansão a partir do fortalecimento da igreja local (= paróquia) que, através do culto, pretende captar as massas. No lugar do sacramento, opta pelas mediações simbólicas provenientes da matriz religiosa, transmitindo-lhes o mesmo valor sacramental. Se no projeto pastoral do modelo tradicional a figura do sacerdote é vista como revestida do poder mediador e ativo, no tocante à ministração sacramental, o equivalente se revela na configuração eclesial carismática com relação aos pastores.

Há uma tendência de elevação do clérigo, e demais lideranças eclesiásticas, em termos hierárquicos. Dessa maneira parecem figurar extratos que compõem uma imagem eclesiástica piramidal onde a representação cristológica se revela nos ministérios ordenados (bispos e presbíteros). Ao que parece, a participação do laicato acontece passivamente na recepção dos meios simbólicos e em atuações ministeriais sob a designação clerical.

Basicamente as ações pastorais dessa configuração eclesial se concentram nas celebrações, desenvolvimento do discipulado em pequenos grupos e reuniões de oração, consagração e de cura e libertação. Nessas ações são reveladas algumas disparidades com o modelo eclesial wesleyano.

A primeira disparidade diz respeito à constituição hierárquica centralizada na figura do pastor, evidente, sobretudo, na estrutura proposta para a dinâmica do discipulado em grupos pequenos. A dinâmica comunitária proposta por John Wesley através das sociedades, classes e *bands* seguiu o princípio da praticidade e funcionalidade na forma de organização, distante de qualquer pretensão hierárquica. Embora ficasse claro em Wesley o respeito pelos ministérios ordinários e dedicação à Igreja Inglesa, enquanto esteve a frente do movimento eclesial metodista não esboçou incentivo algum para engessamentos estruturais.

Outro ponto díspar gira em torno da tendência ao utilitarismo da fé, demonstrado na realização de reuniões e cultos onde são adotadas as campanhas e correntes de oração de estímulo à busca por prosperidade, cura e libertação demoníaca. O eixo teológico para a compreensão da prática eclesial wesleyana é a soteriologia. O legado da doutrina da justificação pela fé da Reforma, apreendido por Wesley, esclarece de antemão que o propósito evangelizador metodista deve manter-se em conexão também nas manifestações cúlticas.

Nessa perspectiva o cultivo da espiritualidade pela oração em suas múltiplas manifestações estaria em sintonia com a tradição wesleyana, sobretudo na dimensão

comunitária do modelo eclesial que representa. A oração é um meio de graça para o fortalecimento da fé nas reuniões dos pequenos grupos, incluindo as intercessões por curas, busca de conforto espiritual e paz como ação gratuita entre os membros de uma comunidade. Portanto, não há respaldo algum para qualquer forma de utilitarismo desse meio de graça, tampouco para câmbios monetários.

O individualismo, percebido na pouca ênfase na experiência e cultivo da fé em dimensão comunitária é mais uma disparidade importante a ser pontuada à luz do modelo eclesial wesleyano. A insistência em afirmar a adoção do programa de discipulado como um resgate da vivência comunitária da tradição metodista, não se sustenta na prática na configuração eclesial discutida. Além de constituir uma estrutura fundamentada hierarquicamente, os grupos pequenos propostos se mostram basicamente como estratégia de crescimento numérico. Esse indicativo talvez signifique a preservação do individualismo na dinâmica da configuração eclesial em construção.

Conforme o modelo eclesial bonhoefferiano se apresenta, pode-se julgar em que termos a relação koinônica, a manifestação cristocêntrica e a experiência diaconal se expressam nessa configuração eclesial em construção.

2.1. Relação Koinônica

Na pesquisa realizada com as igrejas metodistas da cidade do Rio de Janeiro foi possível detectar alguns indícios de uma inconsistência nas relações koinônicas, compreendidas do ponto de vista bonhoefferiano, determinantes para a configuração eclesial em construção. Segundo Cláudio Ribeiro, a liturgia (culto) é uma dimensão importante em que a *communio sanctorum* recebe contornos bem definidos: “o culto... Redimensiona o presente, ao não se confundir com o viver diário, seja do mundo, seja da própria comunidade, e a Igreja adquire sua natureza profética e escatológica”¹⁹.

Entretanto, o que a pesquisa prenuncia, considerando a descrição das reuniões de cura e libertação, consagração e busca de poder (feitas no primeiro capítulo) realizadas pelas igrejas metodistas cariocas, é menos uma relação koinônica; e mais uma relação baseada no clientelismo, ao modo do mercado da fé movido pela lógica neoliberal. Tal situação pode indicar um processo já iniciado de redimensionamento dos cultos: de espaços celebrativos, de consolação e de transformação onde o cantar,

¹⁹ RIBEIRO, Cláudio. Por uma eclesiologia metodista brasileira. P.55.

orar e acolher a Palavra recebem significação comunitária, as reuniões se tornam em “ofertas” das igrejas em atenção às demandas de sua clientela, estabelecendo a clássica relação oferta e procura.

A *communio sanctorum*, que na eclesiologia de Dietrich Bonhoeffer se concretiza pela solidariedade na comunidade, se estende ao simples fato dos fiéis estarem juntos, sendo um “estar junto para” que torna visível e crível a imagem de Cristo no mundo. Conforme indicado pela pesquisa, as reuniões de consagração influenciadas pelo neopentecostalismo estabelecem propósitos que giram em torno da conquista de uma vida mais próspera, abençoada, livre de opressões, maldições e más influências do “mundo”. Se no pentecostalismo essas reuniões eram movidas pelo propósito do serviço, mesmo que exercido nas quatro paredes dos templos, tornando as pessoas mais hábeis ao exercício de seus ministérios, a roupagem neopentecostal trouxe um caráter intimista para os/as frequentadores/as dessas reuniões.

A motivação intimista dos/as frequentadores/as de tais reuniões confronta-se com a proposta koinônica contida no modelo eclesial bonhoefferiano. Embora atenda diretamente os anseios que as igrejas históricas não atingem, o traço intimista do neopentecostalismo reforça a cultura do individualismo nas igrejas do metodismo carioca.

A alternativa koinônica do discipulado em pequenos grupos, conforme a pesquisa indicou, não recebe uma adesão plena pelas igrejas metodistas na cidade do Rio de Janeiro. A constatação de uma adesão média das igrejas pesquisadas pelo programa de discipulado talvez indique: a) desconfiança ou rejeição do método pelas lideranças clérigas; b) disparidade ou inadequação com as expectativas e realidade das igrejas. Todavia, em função das limitações impostas pela metodologia adotada na pesquisa, tais hipóteses poderão ser ou não confirmadas em momento ulterior.

2.2. Manifestação Cristocêntrica

A pesquisa levou a concluir que as influências neopentecostais sobre as igrejas da cidade do Rio de Janeiro são percebidas nas atividades regulares de oração, cura e libertação e, relativamente, no programa de discipulado visando o crescimento numérico das igrejas. Conforme verificado, seguindo os critérios da análise com que o movimento carismático é tipificado, o metodismo carioca vem demonstrando traços característicos do movimento carismático, menos pentecostal e mais neopentecostal. Essa realidade redonda em implicações cristológicas.

O cristocentrismo no modelo eclesial bonhoefferiano se expressa de forma plena. Conforme destacado no segundo capítulo, simultaneamente Jesus Cristo é a comunidade, Senhor dessa comunidade e irmão na comunidade pela encarnação, pelo cumprimento da lei, na cruz e ressurreição. No entanto, o incentivo ao cultivo do intimismo da fé, característico do neopentecostalismo e evidenciado nas reuniões cúllicas que denominações desse segmento celebram, demonstra um novo posicionamento cristológico.

A pesquisa possibilitou inferir um deslocamento cristológico na configuração eclesial em construção das igrejas pesquisadas. O cerne da comunidade seria o ser humano com suas demandas cotidianas e expectativas. Esse giro antropológico transfiguraria a Igreja como imagem de Cristo, tornando-a um espaço de recepção das bênçãos divinas.

No sentido apontado, a nova configuração eclesial em construção é essencialmente antropocêntrica e utilitária. Tal constatação evidencia uma retomada do reducionismo antropológico ao qual a teologia esteve sujeita no fim da Idade Média, em contradição com a concepção da graça incondicional de Deus²⁰.

Dietrich Bonhoeffer desenvolveu a idéia da graça fazendo a distinção entre a graça barata e a preciosa. A primeira concepção implica a adoção simples de um sistema doutrinário pela Igreja. “Graça barata significa justificação dos pecados, e não do pecador”²¹. Conforme as palavras de Bonhoeffer:

A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina de uma congregação, é a Ceia do Senhor sem confissão dos pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, a graça sem a cruz, a graça sem Jesus Cristo vivo, encarnado²².

Em oposição à graça barata Bonhoeffer desenvolve o conceito de graça preciosa nos seguintes termos:

Essa graça é preciosa porque chama ao discipulado, e é graça por chamar ao discipulado de Jesus Cristo; é preciosa por custar a vida ao homem, e é graça por, assim, lhe dar a vida; é preciosa por condenar o pecado, e é graça por justificar o pecador. Essa graça é sobretudo preciosa por tê-lo sido para Deus, por ter custado a Deus a vida de seu Filho – “fostes comprados por preço” – e porque não pode ser barato para nós aquilo que para Deus custou caro. A graça é graça sobretudo por Deus não ter achado que seu Filho fosse demasiado caro a pagar pela nossa vida, antes o deu por nós. A graça preciosa é a encarnação de Deus²³.

²⁰ STROHL, Henri. *O Pensamento da Reforma*. P.25-26.

²¹ *Discipulado*. P. 9

²² *Discipulado*. P. 10

²³ *Discipulado*. P. 10

Inevitavelmente, projetos de expansão e processos de secularização conduzem a Igreja à perda gradativa da consciência da preciosidade da graça, em cujo cerne está a entrega vicária de Cristo. Assumir dessa forma a graça implica em desafio kenótico, ou seja, de total despojamento em nome do seguimento radical de Cristo, em oposição à motivação assentada nos benefícios desse seguimento. O significado do seguimento radical seria o estabelecimento de uma relação de submissão, fraternidade e inserção em Cristo (na Igreja), distinto de motivações clientelistas, comuns em reuniões de orientação neopentecostal.

As igrejas analisadas na pesquisa apresentam traços que confirmam a influência neopentecostal no caráter clientelista das reuniões de cura e libertação. As inferências a respeito dessas motivações clientelitas, a partir da descrição das reuniões de cura e libertação, consagração também levam a intuir na situação de um Cristo *ex machina*, como um curandeiro e operador de milagres disponível pela mediação de um pastor. Nessa perspectiva, a vicariedade de Jesus não seria tomada como referência e inspiração diaconal, e sim pelo valor propiciatório para a liberação da cura, da prosperidade e libertação dos demônios.

2.3. Experiência Diaconal

Julgando pelas motivações, determinantes para a manutenção das reuniões de cura e libertação e consagração nas igrejas analisadas, o deslocamento cristológico evidencia a ausência do diaconato segundo a orientação do modelo eclesial bonhoefferiano. Como foi observado, a oferta dessas reuniões acontecem ao modo das relações mercadológicas neoliberais. Uma provável interpretação dessa oferta motivada pelo princípio do diaconato é equivocada e precipitada.

Contudo, foi constatada a existência de ministérios de ação social, e equivalentes, em todas as igrejas metodistas pesquisadas na cidade do Rio de Janeiro. Tais ministérios figuram na estrutura de uma igreja local (paróquia) metodista por força canônica *ad intra* e *ad extra*²⁴. Essa constatação demonstra duas realidades que correspondem à consciência diaconal.

A primeira realidade diz respeito à estruturação dessas igrejas segundo o princípio ministerial. A organização eclesial em ministérios é, em si, um reflexo da apreensão da consciência ministerial que corrobora tanto com o modelo estabelecido

²⁴ Os Cânones são as normativas doutrinárias e legislativas seguidas pela Igreja Metodista no Brasil desde a sua autonomia, em 1930. O que se refere ao condicionante da ação social na organização de uma igreja local, cf.: IGREJA METODISTA. *Cânones 2007*, art. 136.

pela ortodoxia wesleyana²⁵, presente nas igrejas cariocas, como com a proposição organizacional apresentada para o modelo eclesial bonhoefferiano visando o diaconato *ad intra* e *ad extra* (segundo capítulo).

A segunda realidade é da presença concreta de mecanismos para a concretização da diaconia pelas igrejas metodistas na cidade do Rio de Janeiro. Na pesquisa realizada, não pôde ser verificado se a relação dos ministérios de ação social com as reuniões carismáticas, geralmente gerenciadas por ministérios de oração e intercessão, é harmônica ou conflitiva. A diaconia *ad extra* em algumas igrejas é realizada através de escolas, creches e oferecimento de cursos de capacitação profissional. Duas igrejas no distrito do Catete possuem instituição vinculada à estrutura administrativa local chamada Associação Metodista de Ação Social (AMAS). Essa constatação indica a preservação de um elemento constitutivo da herança wesleyana: a diaconia operada como expressão da vocação pedagógica do metodismo.

A julgar pelo resultado da pesquisa, a consciência diaconal parece estar presente nas igrejas como elemento remanescente da identidade wesleyana. Quanto às motivações e inspirações, a metodologia adotada não permitiu ir além da suspeita do cumprimento da normativa canônica. O que fica evidente é que a diaconia nessas igrejas supera uma ação meramente assistencialista, como faria supor na configuração eclesial tratada.

3. Perspectivas Eclesiais

A análise do metodismo carioca possibilitou confirmar duas hipóteses. A primeira hipótese confirmada foi a existência de duas realidades eclesiais convivendo de forma tensa e conflituosa: uma ortodoxa e outra carismática. A segunda hipótese que se confirmou foi a influência neopentecostal sobre o metodismo carioca, indicando praticamente uma hegemonia carismática nas igrejas da cidade do Rio de Janeiro.

Situadas no cenário religioso difuso, tais igrejas são determinantemente influenciadas pelo neopentecostalismo na teologia que abraçam, marcada pela concepção da batalha espiritual e teologia da prosperidade; e na liturgia que celebram, que incorpora elementos da matriz religiosa e a ênfase no louvor e adoração.

²⁵ Cf.: *Plano para a Vida e Missão*. P. 102-104.

A configuração eclesial em construção existente no metodismo carioca representa uma gradativa sucumbência da identidade wesleyana na apresentação de elementos distorcionantes nos aspectos analisados, uma vez considerada diante da ortodoxia wesleyana.

A tensão existente na relação entre as duas realidades eclesiais, bem como as peculiaridades de cada uma, apontam para algumas possibilidades pastorais iluminadas pelo modelo eclesial bonhoefferiano.

3.1. Relação Koinônica

A sociedade contemporânea convive com o paradoxo da crise pós-moderna que leva alguns a considerar o momento como de ruptura com a cultura moderna, tipologizada pela subjetivação do indivíduo ocidental e etnicamente branco, com a sujeição do diferente e da natureza, pela economia de mercado e a instrumentalização da razão. Outros consideram a pós-modernidade como continuação e realização da modernidade pela conseqüente virada do sujeito, em que o indivíduo é agraciado com a garantia da possibilidade de escolha ilimitada, para o estabelecimento de valores e para a normatização (autonomia) dos seus próprios atos²⁶.

Sendo ruptura ou realização final da modernidade, o momento pós-moderno é marcado pela elevação do indivíduo, sendo o consumo e o hedonismo suas maiores expressões²⁷. A conjunção desses dois aspectos constrói e determina relações, dentre as quais as relações religiosas.

Expressão religiosa representativa de tal conjunção é o neopentecostalismo. A lógica que a sustenta, da oferta e da procura, dificilmente gera comunhão. Sua influência sobre o metodismo carioca, portanto, requer que as igrejas analisadas abracem o desafio koinônico.

Conforme citado no segundo capítulo, para Dietrich Bonhoeffer a importância da comunhão dos santos se demonstra em termos cristológicos e soteriológicos. “Em Cristo a humanidade é incorporada realmente na comunidade com Deus”²⁸. Essa

²⁶ Cf.: BOFF, Leonardo. *A Voz do arco-íris*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. P. 11-13. O autor destaca como aspecto positivo da pós-modernidade a libertação da subjetividade humana outrora enquadrada pela modernidade nas instituições totalitárias, bem como da ética opressora dessas instituições. Segundo Boff, “a pós-modernidade propicia o surgimento de uma dimensão que enlaça o *eu* com o *nós*, evitando o individualismo da ordem capitalista e o coletivismo da ordem real-socialista, já desaparecida.”. P. 22-23. Um texto imprescindível a respeito do tema da pós-modernidade é: LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Lisboa: Antropos, 1983.

²⁷ LIPOVETSKY. *A Era do Vazio*. P.98.

²⁸ *Sanctorum Communio*, p. 106

incorporação redentora do ser humano na comunidade de Deus é, pois, o resgate do princípio básico eclesial que torna crível a fé cristã no mundo.

No guia para vivência da fé em comunidade, “Vida em Comunhão”, Bonhoeffer sugere uma experiência koinônica que abarca, a partir das relações em grupos menores, toda a realidade eclesial sem perdê-la de vista²⁹. Uma possibilidade viável no metodismo carioca para a vivência comunitária da fé, como sinal de superação ao individualismo provocado pela pós-modernidade, é a organização dos pequenos grupos de discipulado.

A discussão a respeito do método do discipulado em pequenos grupos, ou células, vem ocupando a dedicação de alguns pastoralistas metodistas. A fundamentação bíblico-teológica, relevância eclesial, dinâmica do método e proposição de uma nova eclesiologia integram o leque temático que gera a um só tempo resistências e apologias. O sentido da eclesiologia wesleyana vem auxiliando significativamente na busca de um modelo equilibrado de discipulado, de acordo com o que foi abordado no primeiro capítulo³⁰. O que mais importa como questão de fundo não é a discussão sobre a validade do modelo de discipulado em pequenos grupos, e sim o propósito e conteúdo transmitidos. Nesse sentido caberia não perder de vista as dimensões comunitária, diaconal e missionária do modelo eclesial wesleyano, reintroduzindo-as na dinâmica dos grupos atuais.

Os grupos de discipulado, mesmo guiados pela motivação do crescimento numérico, são espaços de possibilidade koinônica. O caráter fundamentalmente leigo somado à dinâmica interna dos grupos poderiam, se explorados como espaços de convivência, devoção e auxílio mútuo, convergir para o fortalecimento da unidade e comunhão. Para isso, seria imprescindível a reformulação do conteúdo e proposta desses grupos, conforme Helmut Renders sugere³¹, direcionando a catequese e a capacitação do laicato para outros segmentos na Igreja, tornado as células discipulares grupos de acolhimento, inserção, comunhão e integração com a dinâmica local (paroquial) organizados ao redor da Palavra.

²⁹ *Vida em Comunhão*, p. 25.

³⁰ Sobre o tema do discipulado em pequenos grupos e a correspondência com a herança wesleyana, cf.: MATTOS, Paulo Ayres. *Wesley e os encontros de pequenos grupos*. In: *Caminhando*, v. 8, n. 12, 2º semestre de 2003. P. 144-160. O autor conclui com este artigo, após investigar o propósito dos pequenos grupos na tradição wesleyana, que as propostas atuais de discipulado na Igreja Metodista no Brasil estão desvinculadas do propósito da santidade de coração originário, e associadas aos planos com matizes fortes no movimento “*church growth*” com ênfase final no crescimento numérico de membros da Igreja.

³¹ Cf.: RENDERS, Helmut. *Pequenos grupos na tradição metodista. Observações, análises e teses*. In: *Caminhando*. V. 7, n 10, 2º Semestre de 2002. P. 68-95. O autor propõe neste artigo que a Igreja trabalhe a partir da arquitetura eclesiológica real, preservando as organizações tradicionais existentes na configuração da estrutura da denominação no Brasil.

Relação koinônica é aprendizado constante de longanimidade. Uma maneira de experimentá-la é a convivência da ortodoxia com a espiritualidade popular tanto nos pequenos grupos, como noutras manifestações cúlticas.

O bem sucedido fenômeno neopentecostal se deve em parte, conforme a análise do primeiro capítulo, à correspondência positiva que faz da matriz religiosa brasileira. A negação dessa matriz foi também um dos fatores que contribuiu para o arrefecimento do metodismo ortodoxo em termos numéricos, por determinado período, em todo o Brasil uma vez partícipe do projeto de inserção no país do protestantismo histórico de missão.

Por outro lado, o considerável crescimento numérico das igrejas metodistas na cidade do Rio de Janeiro, hegemonicamente carismático e influenciado pela religiosidade neopentecostal, indica a consequência de uma relação interativa com a religiosidade matricial brasileira. Há, nesse ponto, um importante dado a ser considerado: a espiritualidade popular.

A respeito da relação da ortodoxia com a espiritualidade popular, Frei Betto observa:

É preciso passar por uma *kénosis* epistemológica para captar o pobre quando ele almoça Deus, dorme Deus, xinga Deus, vai com Deus, graças a Deus, por Deus, pelo amor de Deus... Um Deus que se come, se bebe, se dorme, se dança.... E ficamos com o nosso Deus do catecismo, “perfeitíssimo, onipotente, onisciente”, não sei quantos entes... Estamos ainda com o Deus da ópera e, eles, com o Deus do samba³².

Uma Igreja Koinônica, portanto, seria uma Igreja que considera como ponto de partida a espiritualidade dos indivíduos que congregam. A experiência é um dos elementos para a compreensão teológica segundo a tradição wesleyana, ou seja, a experiência que se faz individualmente de Deus e se expressa em comunidade. A forma com que se expressa tal experiência? Há uma variedade de gestos, sinais, comportamentos na cultura popular que tornariam rica a vivência comunitária da fé em grupos pequenos e nas manifestações litúrgicas nas igrejas metodistas cariocas.

3.2. Manifestação Cristocêntrica

O cristocentrismo deve ser um aspecto redimensionado na ortodoxia wesleyana e na configuração eclesial em construção do metodismo carioca. Tratado em termos soteriológicos pela teologia wesleyana e recebendo consideração utilitária no tipo de

³² BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. 6º ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. P. 74.

Igreja que se configura na cidade do Rio de Janeiro, é desafiador para o metodismo carioca reconfigurar a imagem de Cristo.

Tratando do tema da “conformação” de Cristo no trabalho inconcluso “Ética”, Bonhoeffer esclarece, como foi visto no segundo capítulo, que a Igreja é o lugar em que Cristo tomou forma na humanidade³³. Seria o equivalente a dizer que Cristo não somente está, mas é a Igreja reunida em comunhão. É o “lugar concreto” da conformação de Cristo onde os princípios cristãos se evidenciam através da diaconia no mundo³⁴.

Cristocentricamente a Igreja se estabelece como o sinal visível soteriológico por meio da koinonia, assumindo a forma messiânica evangélica. Nessa perspectiva o metodismo carioca seria convidado a dimensionar o aspecto cristológico, tanto na realidade ortodoxa como na nova configuração eclesial.

Bruno Forte destaca quatro formas messiânicas de espera contidas na teologia veterotestamentária: o messianismo profético, ligado ao anúncio da palavra da promessa libertadora confiada inicialmente a Moisés e mantida pelos profetas; o messianismo régio, marcado pela expectativa da reconstituição do trono davídico; o messianismo sacerdotal; e o messianismo apocalíptico, relacionado à dimensão escatológica³⁵.

A pesquisa opta por uma leitura pastoral dos evangelhos identificando uma opção clara de Jesus pela forma de messianismo profético. Jesus não sucumbe à sedução do messianismo de poder, régio e sacerdotal, assumindo a cruz inevitável em atitude voluntariamente vicária. Essa é a atitude esperada da Igreja “conformada” por Cristo no mundo diante da sedução do poder ou, nas palavras de Bonhoeffer na reflexão de sua autoria “Tentação”, a resistência à “tentação total”³⁶.

Para tornar-se uma Igreja cristocêntrica, caberia ao metodismo carioca assumir as conseqüências da opção evangélica radical pelos pobres, a mesma opção de Jesus, caminhando até as últimas conseqüências, ou seja, até o martírio no Gólgota. Os grupos pequenos, redimensionados nos propósitos e conteúdo como possibilidade

³³ *Ética*, p. 51

³⁴ *Ética*, p. 54

³⁵ FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da História: ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas. P. 72-86.

³⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Tentação*. 5º ed. São Leopoldo: Sinodal, 1999. P. 39. Bonhoeffer destaca três tipos de tentação enfrentados por Jesus: a tentação da carne, a tentação espiritual e a referida tentação total. A primeira relacionada às necessidades fisiológicas (fome), a segunda relacionada com a reivindicação de sua filiação divina, e a terceira relacionada com a totalidade física e espiritual de Cristo. A comparação com as tentações de Cristo nesta pesquisa, a partir da imagem que reflete no mundo, é oportuna para uma reflexão lúcida a respeito da tentação do poder a que a Igreja está sujeita.

koinônica, poderiam se tornar um meio para a concretização da manifestação cristocêntrica nessa perspectiva.

A recuperação do sentido do seguimento evangélico como princípio inspirador para os grupos de discipulado, ou seja, como atendimento ao chamado de Cristo que potencializaria a comunidade a segui-lo assumindo o Calvário como possibilidade, poderia ser o veículo da realocação cristológica na configuração eclesial discutida.

Conforme Magali do Nascimento Cunha indica:

Ser discípulo/a, portanto, é fazer a vontade de Deus. Implica serviço. O chamado para seguir era também um chamado para ser colaborador. O serviço passa a ser uma atitude do discípulo/a. Aquilo que - aos olhos da época - era pouco honroso perante o ser humano, (servir) foi o mais valorizado por Jesus... O seguir Jesus, portanto, não pode se para contemplá-lo tão só, mas para dar prosseguimento à instauração do Reino de Deus. Os discípulos/as são enviados ao mundo para transformá-lo para Deus se tornar visível nessa realidade.³⁷

Uma Igreja que assume o discipulado com radicalidade, opta por uma espiritualidade marcada pela pessoalidade relacional com o centro da devoção. Nesse sentido, mesmo que a ênfase recaia sobre os aspectos e manifestações pneumatológicas, a espiritualidade carismática direcionaria a experiência de fé no metodismo carioca por apresentar como viável e objetiva a presença do Cristo.

A presença viável e objetiva de Cristo caberia ser direcionada à pessoa do próximo, do que comunga e se mantém congregado no ambiente eclesial, bem como do que sofre e carece da solidariedade fraternal do povo de Deus.

3.3. Experiência Diaconal

Diaconato e ministério são expressões correlatas que indicam a mesma experiência: o serviço. A primeira expressão é de raiz grega e a segunda, latina³⁸. Ambas apontam, como foi observado no segundo capítulo, para o lugar e o papel da Igreja no mundo e na sociedade a partir das relações koinônicas. O serviço ao mundo só se torna possível através de uma comunidade de fiéis que se organiza com vistas a fazer a diferença, na realidade onde estiver inserida, como sinal do Reino de Deus.

O modelo bonhoefferiano dispõe a diaconia como representação vicária de Cristo, ou seja, a diaconia seria a evidência máxima da presença de Cristo no mundo

³⁷ CUNHA, Magali do Nascimento. Seguir a Cristo: o real sentido do discipulado cristão. *Mosaico*. Ano XIII, 34, Jul/set, 2005. Apud: VVAA. *Sermões de Wesley*. CD-Rom, p.14.

³⁸ GRELOT, Pierre. *Ministério* In: LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário Teológico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes. P. 591.

ao assumir a forma de messianismo profético que redundava em ações solidárias e na luta por justiça, igualdade de direitos e pela promoção da vida humana.

Ad intra e ad extra, a diaconia é concretizada em perspectiva wesleyana como expressão da santidade e resultado da busca pela perfeição cristã. O sentido do serviço no modelo wesleyano está atrelado à piedade que resulta em obras de misericórdia. Em outros termos, a devoção a Deus redundava, invariavelmente, no serviço ao próximo.

Muito embora as motivações diaconais se distingam, tanto no modelo eclesial wesleyano como no modelo eclesial bonhoefferiano a diaconia é um forte elemento presente e provedor de sentido para a prática pastoral. Trata-se de uma dimensão enfatizada pela ortodoxia wesleyana e presente na configuração eclesial em construção das igrejas metodistas da cidade do Rio de Janeiro. Este ponto convergente poderia traduzir-se em algumas possibilidades pastorais diante do contexto carioca.

No ano de 2005, os coordenadores da organização não governamental Ação da Cidadania realizaram uma pesquisa em que foram constatados os principais problemas sociais da cidade do Rio de Janeiro. Na saúde pública, foi mencionada a falta de medicamentos e hospitais; no sistema de segurança, o fortalecimento do poder do tráfico de drogas e a ausência da segurança pública, geradoras da violência urbana; na área da educação, falta de escolas da rede municipal; na política, a falta de seriedade, ética e no compromisso dos governantes; e ainda problemas com o transporte público, a miséria, a desigualdade social e a fome³⁹.

O contexto social carioca é, pois, realidade de opressão geradora de vítimas que, como Jesus, padecem no calvário. Esse calvário se apresenta renomeado como violência urbana, epidemia da dengue, analfabetismo, miséria, fome. Essa é a realidade que, em perspectiva bonhoefferiana, deve ser “agarrada valentemente” pela Igreja, a imagem de Cristo.

Segundo as palavras de Jürgen Moltmann, com sua morte vicária:

Jesus trouxe Deus para aqueles que, como ele, foram humilhados. A cruz está posta entre as inúmeras cruces que se somaram ao longo da história da humanidade, no caminho sangrento dos poderosos e violentos... Para tornar-se irmão dos humanos abandonados e achá-los em seu estado de privação, Jesus foi bem ao fundo do abandono divino, no estado em que se encontravam abandonados todos os seres humanos⁴⁰.

³⁹Cf. Site: http://acaodacidadania.infolink.com.br/templates/acao/novo/noticia/noticia.asp?cod_Canal=8&cod_noticia=478#topo. (visitado em 10/02/2009)

⁴⁰MOTMANN. *Vida e Esperança*. P. 77.

A *kénosis* de Cristo na cruz, rebaixando-se à humilhação e sofrimento humanos, é a *kénosis* que também a Igreja deve se sentir compelida a experimentar na cidade do Rio de Janeiro. O acolhimento de alguns princípios, dessa forma, também devem ser lembrados e resgatados.

É provável que a expectativa da sociedade carioca com relação às igrejas cristãs não se estenda além da terapia espiritual que fornecem, sobretudo pela oferta da forma eclesial neopentecostal⁴¹. Porém, a responsabilidade diaconal é um compromisso legado pela tradição wesleyana ao metodismo carioca, bem como um traço fundamental na eclesiologia de Dietrich Bonhoeffer. Diante de uma sociedade que caminha para a maturidade e que retorna ao sagrado, muitas vezes de maneira ingênua e pragmática, a proposta radical de Bonhoeffer, recolhida do segundo capítulo, iluminaria a prática pastoral metodista na cidade do Rio de Janeiro.

Como primeira providência, ela (a igreja) deve presentear todo o seu patrimônio aos necessitados. Os pastores devem viver exclusivamente das doações espontâneas da comunidade, eventualmente exercer uma profissão secular. A igreja deve participar das tarefas mundanas da vida social humana, não dominando, mas auxiliando e servindo... Ela terá que falar de moderação, autenticidade, confiança, fidelidade, constância, paciência, disciplina, humildade, modéstia, comedimento... Sua palavra obterá ênfase e força, não através de conceitos, mas pelo exemplo.⁴²

Seria um exagero supor um despojamento total dos bens administrados pela Igreja Metodista na cidade do Rio de Janeiro, dentro do que Bonhoeffer propôs. Entretanto, o acolhimento da proposta como intuição básica para o estímulo da práxis transfiguraria a face da Igreja, tornando-a legível e crível na sociedade carioca. O serviço seria a linguagem decifrável e compreensível entre os aflitos e necessitados na cidade do Rio. Caberia, portanto, uma reconsideração das ênfases que envolvem a ação social e a organização eclesial de suporte para a concretização do diaconato pelo metodismo carioca.

⁴¹ Ricardo Mariano contesta a tese do futuro protestante da religiosidade latino-americana e brasileira. Segundo o autor, a chamada “explosão protestante” não vem impactando a cultura transformando-a e a economia, modernizando-a. Demonstrando o declínio numérico do protestantismo histórico e o vertiginoso crescimento do neopentecostalismo, Mariano afirma que tal realidade vem promovendo uma série de acomodações sociais sem qualquer retomada da ética protestante. “O futuro dessa religião, como dá mostras de sobre seu presente, aponta na direção da flexibilização, da adaptação, da assimilação e da aculturação”. Tais constatações se aplicam à realidade da cidade do Rio de Janeiro, onde a qualidade de vida na sociedade carioca não apresenta sinais de transformação, antes evidenciando retrocessos e intensificação dos problemas. Cf.: MARIANO, Ricardo. O Futuro não será Protestante. In: *Ciências Sociais e Religião*, Poro Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999. Sobre as teses que o autor contesta, cf.: DIXON, David; PEREIRA, Sérgio. O novo protestantismo latino-americano: considerando o que já sabemos e testando o que estamos aprendendo. In: *Religião e Sociedade*, v. 18, n.1, 1997, p. 49-69. MARTIN, David. *Tongues of Fire: the explosion of protestantism in Latin América*. Oxford: Blackwell, 1990. A respeito da relação da ética protestante com o desenvolvimento econômico e a transformação social, cf.: WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁴² *Resistência e Submissão*, p. 512-513.

Conforme abordado no segundo capítulo, a organização ministerial é a forma ideal para a viabilização do diaconato pela Igreja. Tal estruturação possibilitaria a comunicação interna e o auxílio mútuo na comunhão dos santos (diaconato *ad intra*), bem como o exercício do serviço da Igreja no mundo e na sociedade (diaconato *ad extra*). Trata-se de uma experiência cultivada pelo metodismo primitivo, onde o próprio Wesley confirmou e considerou os ministérios ordinários e extraordinários, e preservada como normativa pela ortodoxia metodista no Brasil e, conseqüentemente, no Rio de Janeiro⁴³.

Segundo o “Plano para a Vida e Missão”: “A Igreja afirma a existência de dons para o exercício de outros ministérios – tais como capelanias, serviços sociais, evangelistas, músicos, etc – cabendo-lhe perceber e definir prioridades e facilitar o desenvolvimento e o uso desses dons”. Ainda, diante das demandas sociais onde as igrejas metodistas estiverem inseridas, segundo o mesmo documento, a missão da Igreja contempla “a utilização das dependências dos templos e outros prédios para proveito da comunidade, formação de creches, jardins de infância, capacitação profissional e outros.”⁴⁴.

A opção feita pela Igreja Metodista, conforme o “Plano para Vida e Missão”, mesmo não seguindo plenamente a proposta radical de Bonhoeffer, despojando-se totalmente do seu patrimônio, contempla uma organização voltada para o serviço (ministerial) e converge todo o patrimônio para a missão diaconal e confirma sua vocação.

Toda a Igreja é carismática e ministerial⁴⁵. Isso equivale afirmar que toda a Igreja é essencialmente diaconal. Diante do quadro de necessidades e problemas sociais que afligem a cidade do Rio de Janeiro, o Carisma da Igreja Metodista deveria ser efetivamente diaconal, criando redes ministeriais de solidariedade, instrução secular (educação) e profissionalização. Cada igreja local, como presença viva e atuante de Cristo, poderia dispor seu patrimônio para o acolhimento e serviço àqueles e àquelas desprovidos dos elementos básicos para sua subsistência, a saber: moradia, educação, saúde, trabalho e segurança.

A dimensão diaconal também pode trazer significação atual frente à proposta de renovação da Igreja. A manifestação eclesial representativa dessa proposta é a vivenciada nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), estudadas como um modelo

⁴³ Cf.: IGREJA METODISTA. *Cânones 2007*. Art. 136.

⁴⁴ *Plano para a Vida e Missão*. P. 102, 107.

⁴⁵ COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. *Pastoral do Movimento Carismático*. P. 26-31.

de Igreja futura⁴⁶ e considerada a forma seminal de um “novo jeito de ser Igreja”⁴⁷. Sua estrutura, segundo Leonardo Boff, irrompe em oposição ao modelo clerical um outro exercício de poder religioso sustentado por quatro eixos:

- a) **Palavra**, lida e interpretada pelos membros das CEBs à luz dos problemas da realidade vivida e compartilhada;
- b) **Sacramentos**, celebrados como símbolos da vida que alimentam a utopia do Reino de Deus;
- c) **Organização**, distribuída em funções distintas onde coordenações e equipes são eleitas democraticamente; e
- d) **Missão**, realizada como atividade no mundo em articulação e diálogo com movimentos populares.

A “eclesiogênese” dessa proposta seria “de baixo”, ou seja, uma Igreja que nasce, viceja e floresce pela atuação do Espírito Santo a partir da vida comunitária do povo crente. José Míguez Bonino, sem incorrer nos julgamentos históricos anacrônicos, enxerga nas “*ecclesiolas*” metodistas (**sociedades**, **classes** e **bands**), mencionadas no primeiro capítulo, a junção dos elementos objetivos da tradição clássica protestante, como a Palavra, os sacramentos e a ordem; com os elementos subjetivos herdados da tradição pietista, como a experiência, a santidade interior, a meditação e a comunhão fraternal. Esses elementos, acolhidos em comunidade, imprimem sobre os grupos o compromisso com o crescimento espiritual pessoal em permanente relação com os demais, bem como a atuação missionária (libertadora) no mundo⁴⁸.

Por ser um modelo eclesial que valoriza o ministério leigo, a missão (ou lugar e função da Igreja no mundo) e o serviço, o modelo wesleyano encontra pontos de contato, diálogo e troca com a proposta de renovação eclesiológica configurada pelo **modelo libertador/profético**.

Plasmados no mesmo paradigma, o modelo eclesial bonhoefferiano e a proposta de renovação eclesial se encontram nas palavras proféticas de Bonhoeffer: “um dia há de chegar em que os homens novamente serão chamados a proferir a Palavra de Deus... Será uma linguagem nova, talvez completamente a-religiosa, mas será uma linguagem libertadora e redentora como a fala de Jesus...”. Para Leonardo Boff o que Bonhoeffer proferiu em 1944 parecia se cumprir nas CEBs⁴⁹.

⁴⁶ FUELLENBACH, John. *Igreja: comunidade para o Reino*. São Paulo: Paulinas, 2006. P. 255-297.

⁴⁷ BOFF, Leonardo. *Eclogênese: a reinvenção da Igreja*. Rio de Janeiro: Record, 2008. P. 236-238.

⁴⁸ BONINO. *Metodismo: releitura latino-americana*. P.165.

⁴⁹ BOFF, Leonardo. *E a Igreja se Fez Povo*. P. 68.

Propriamente do modelo eclesial bonhoefferiano o contato com a renovação eclesiológica se mostra através do “olhar a partir de baixo”, organizando-se comunitariamente e configurando-se como a conformação de Cristo no mundo; no “agir responsável”, assumindo a representação vicária de Cristo; e “estando-aí-para-os-outros”.

Novamente, a partir desse redimensionamento eclesial que o modelo bonhoefferiano traria à eclesiologia wesleyana, o koinônico é determinante para o diaconato. Dessa maneira, o despertar ministerial provocado pela vivência comunitária da fé desenvolveria também uma forma de espiritualidade engajada ou, em outros termos, libertadora.

Segundo Celso Pinto Carias, a Teologia da Libertação poderia ser renomeada como “Teologia Espiritual de Libertação”, indicando a teologia com um discurso “predominantemente calcado na experiência de fé cristã”, e definindo libertação na inserção dessa experiência no Mistério Pascal, ou seja, na missão libertadora de Jesus Cristo⁵⁰. Nesse sentido, poderia ser considerada uma forma de espiritualidade libertadora com impulso ao diaconato, *ad intra* e *ad extra*, em perspectiva bonhoefferiana.

Pelo diaconato, orientado em perspectiva bonhoefferiana, o metodismo carioca manifestaria a presença de Cristo, se encarnado na realidade do que sofre e entregando-se vicariamente em solidariedade, compaixão e desejo salvífico. Essa presença profética é a presença anunciadora e prenunciadora do Reino de Deus. Ela aquece os corações, abre os olhos, cura os enfermos, sacia os famintos e fortalece os alquebrados.

4. Um Modelo Eclesial Possível

Num ensaio de síntese, partindo do modelo eclesial de Dietrich Bonhoeffer e, uma vez referenciada a eclesiologia contida na ortodoxia wesleyana, a Igreja Metodista poderia configurar um modelo eclesial contextualizado à realidade e expectativas sócio-religiosas da cidade do Rio de Janeiro.

Neste modelo as dimensões koinônica, cristocêntrica e diaconal determinariam e direcionariam a organização, a liturgia e a missão da Igreja Metodista na cidade do Rio de Janeiro.

⁵⁰CARIAS, Celso Pinto. Teologia Espiritual da Libertação. In: *Atualidade Teológica*. Ano XI n. 25, janeiro/abril 2007. P. 104-132. P. 128-129.

A organização desse modelo eclesial se estruturaria de maneira funcional e democrática. Composta por ministérios ordinários e extraordinários segundo as necessidades *ad intra* e *ad extra*, as decisões seriam tomadas partindo do diálogo e assentimento comum por clérigos e leigos. Nesse aspecto, a estrutura administrativa atual da Igreja Metodista no Brasil atenderia as aspirações contidas neste modelo eclesial uma vez preservando a figura dos concílios como espaço para a definição, discussão e aprovação de projetos para a encarnação cristológica, através da ação pastoral da Igreja na sociedade.

Atendendo à ênfase koinônica, o modelo proposto constituiria grupos pequenos, as *ecclesiolas*, ao modo wesleyano com a motivação ao auxílio mútuo. Seriam células de discipulado que, além de resgatar o princípio do seguimento radical evangélico, teriam sua formação ao redor do estudo das Sagradas Escrituras e resignificação dos símbolos do cotidiano, como sugere a organização do modelo de renovação eclesial contida nas CEBs.

Os pequenos grupos seriam micro-organizações de acolhimento, inserção e manutenção dos novos adeptos na organização maior da Igreja. Ao ser acolhido, o indivíduo é respeitado em sua alteridade e em sua religiosidade, deixando para um momento ulterior a catequese dogmática. A sua inserção aconteceria pelo sacramento do batismo e a manutenção pela Palavra e sacramento da Ceia, bem como através da reinvenção simbólica dos elementos da vida como sinais da presença de Deus.

A koinonia manifestada através dos pequenos grupos também se expressaria na liturgia celebrada em outras ocasiões. Os cultos e celebrações seriam espaços para o encontro com o outro, onde a revelação da imagem de Cristo se manifestaria concretamente através das orações e intercessões uns aos outros, da partilha da Palavra e dos sacramentos e por meio da alegria expressada nos gestos, símbolos, músicas, danças e na festa cúllica celebrada. Uma liturgia assim celebrada manifestaria os traços da espiritualidade popular renegada pelo protestantismo histórico. Também evidenciaria experiências pneumatológicas geradoras da koinonia, diaconia e vivacidade.

Como presença sinalizada de Cristo no mundo a Igreja do modelo proposto se encarnaria nas necessidades e desafios da sociedade carioca, seguindo o princípio da *kénosis*. Bonhoeffer propôs uma experiência eclesial, adequada para o seu tempo, desvinculada da linguagem religiosa anacrônica para àquele momento. Em se tratando da realidade e mentalidade brasileira, não há como desassociar o sistema

religioso formatado pela matriz religiosa. A nova linguagem da Igreja deverá partir desse referencial cultural, esvaziando-se dos preconceitos dogmáticos.

Bonhoeffer cogitou como canal de preservação da identidade cristã a “disciplina arcana”. Esse conceito redimensionaria a missão da Igreja diante das múltiplas experiências religiosas características do brasileiro. Nesse sentido a vocação primordial cristã seria resgatada nesse modelo eclesial, com observou Claude Geffré: “É a vocação da Igreja tornar-se o bem de todo homem e de toda mulher, além de sua raça, sua língua, sua cultura e até de sua pertença religiosa”⁵¹.

O bem destinado a ser promovido ao ser humano, ou seja, o propósito missionário da Igreja também faria constar a *kénosis* na entrega vicária aos necessitados na sociedade, dispondo seu patrimônio à diaconia. Toda discussão a respeito da administração interna da Igreja, incluindo as propostas orçamentárias, giraria em torno desse propósito, jamais perdendo de vista a conjuntura sócio-econômico-política do meio em que estiver imersa.

Finalmente, neste modelo o ser humano seria contemplado em sua integralidade. Sua essencial característica seria a inclusividade, desde o acolhimento até à inserção e preservação do indivíduo em sua organização. Dessa forma, a Igreja estaria aberta a pelo menos três desafios.

O primeiro desafio contido na missão da inclusividade seria o da aceitação do outro em meio à diversidade de experiências religiosas, expectativas e costumes culturais. O acolhimento deverá ocorrer de forma natural, apreendida como fundamental à existência da Igreja.

Outro desafio diz respeito à unidade cristã, *ad intra* e *ad extra*, em meio à referida diversidade. Segundo a proposição missionária, contida no “Plano para a Vida e Missão”, esse desafio está integrado ao leque de finalidades da Igreja Metodista no Brasil. A busca pela unidade tornaria viável a sinalização do Reino, uma vez que se somariam forças com a diversidade eclesial existente no país, em geral, e na cidade do Rio de Janeiro, em particular.

O terceiro desafio se assenta na relação entre a subjetividade do indivíduo e a sua vivência comunitária. Segundo Alfonso Garcia Rúbio, todo ser humano é único, porém vocacionado a viver em relação, sendo a dimensão comunitária constitutiva de toda pessoa⁵². No modelo eclesial proposto, é desafiador à missão da inclusividade a

⁵¹Cf.: GEFFRÉ, Claude. A crise da identidade cristã na era do pluralismo religioso. In: *CONCILIUM*. 311- 2005/3. P.13- 28. P. 28

⁵² RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2001. P. 310-316.

reflexão, o incentivo e o cultivo de experiências que possibilitem a abertura da subjetividade de cada indivíduo para o outro, para o transcendente e para a conjuntura ao seu redor.

A viabilidade desse modelo eclesial dependeria menos de uma abertura institucional, e mais de iniciativas locais. Para a sua funcionalidade, tanto ministérios ordinários como extraordinários deverão se orientar por uma mentalidade estrutural horizontal. Os encargos de coordenação, articulação e operacionalização, não seriam estratificados. Não haveria uma divisão e distinção de tarefas. Conforme as contingências e desafios pastorais, o direcionamento seria encargo não exclusivo do clero, antes daquele/a que fosse designado para o seu exercício independente da função específica que cumpra na instância maior da Igreja.

Destacando as características essenciais, o modelo proposto seria democraticamente koinônico, cristocentricamente vicário e diaconalmente missionário pela promoção humana e inclusividade. A espiritualidade cultivada seria libertadora, evidenciando a presença pneumatológica geradora de vida e desejo de partilha da vivência da fé nos ministérios *ad intra* e *ad extra*.

Conclusão

O quadro eclesial do metodismo carioca que evidencia duas realidades: a da ortodoxia wesleyana e da configuração em construção influenciado pelo neopentecostalismo; pôde ser julgado sob a ótica bonhoefferiana a partir do seu modelo eclesial koinônico, cristocêntrico e diaconal.

Na análise sobre a forma eclesial metodista, segundo a ortodoxia wesleyana, foi constatado que a cristologia é refletida em termos soteriológicos, sem determinação para a eclesiologia. Diante do modelo eclesial bonhoefferiano, o julgamento pôde ser feito no aspecto koinônico, onde o outro é sinal e meio de salvação; e no aspecto diaconal, considerado na tradição wesleyana com extensão da piedade cristã.

Tipificada como uma configuração eclesial em construção, a realidade carismática influenciada pela religiosidade neopentecostal apresentou uma inconsistência nas relações koinônicas, bem como um deslocamento cristológico e uma centralização antropológica. Porém, a constatação da existência dos ministérios de ação social e equivalentes nas igrejas pesquisadas sinaliza um traço resistente da ortodoxia wesleyana nessa nova configuração eclesial.